

## VII CONGRESO INTEROCEÁNICO DE ESTUDIOS LATINOAMERICANOS *EL LUGAR DE LA CRÍTICA EN LA CULTURA CONTEMPORÁNEA*

### Mesa 3. Filosofía latinoamericana y pensamiento crítico

#### **Artaud e o México: ou a cultura como uma força vital**

João Paulo de Holanda<sup>1</sup>

##### **Resumo**

O presente trabalho mira delinear o conceito de cultura nos escritos de Antonin Artaud (1896-1948), sobretudo como este emerge no interior da experiência de sua viagem ao México, realizada no ano de 1936. Viagem que se desloca ao mesmo tempo no espaço geográfico e no domínio do imaginário, ela produz uma verdadeira abertura para o pensamento crítico. Cansado da decadência do espírito europeu – guardião de uma consciência separada, calcada na especialização da ciência em diversos ramos – Artaud pisa no solo mexicano à procura de uma forma vital de cultura. Para o poeta francês, a cultura não se encontra contida nos livros e nas filosofias, mas é imediatamente devoração. Ou melhor, contra as correntes hegemônicas do saber ocidental, nele se apresenta uma concepção unitária da cultura, na qual pensar, dormir, sonhar e comer são uma única e mesma coisa, e atendem necessariamente a um único e mesmo plano fundamental, a saber: a vida. A cultura, então, na realidade, corresponde a uma modificação integral do ser humano. Artaud, em seu humanismo revolucionário, ao redefinir a palavra cultura, faz um corte político, e tal empreendimento desemboca em duas operações principais, intimamente interligadas: I) uma nova ideia de homem e II) um novo conceito de revolução. Inspirado pela tradição dos povos originários, Artaud compreende o homem enquanto um ser catalisador do universo, e a revolução que ele deseja levar a cabo não é a da substituição de uma classe pela outra, meramente técnica e econômica, através da tomada do Estado, como apregoa o marxismo; antes se trata de uma transformação total da cultura, isto é, uma modificação de nossos modos de ler a vida e de colocar o seu problema. Portanto, um novo conceito de homem casa com um novo conceito de revolução, e esses dois conceitos saltam, forçosamente, de uma base cultural radicalmente reformada.

**Palavras-chave:** Cultura; Vida; Humanismo; Revolução; Pensamento crítico.

##### *O sonho mexicano*

Artaud teve uma vida de febre: em um duplo sentido, nas paixões que teceu e nas doenças sofridas. Desde pequeno, foi um sujeito ao mesmo tempo atormentado e maravilhado com o mundo. Como se os tormentos

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Contacto: <joaopaulohollanda@gmail.com>

experimentados pelas debilidades física e mental fossem precariamente recompensados por uma vida de fantasia muito rica e dinâmica. Na verdade, a criança que se recuperava da meningite e a que sonhava com as magias de terras estrangeiras, com heróis e aventuras em lugares distantes, constituíam uma só infância. Certamente desdobrada nos seus impulsos futuros. Em vista disso, duas viagens marcaram decisivamente esse gosto acentuado pelo desconhecido e pelo confabulado: a ida ao México e depois a peregrinação pela Irlanda. Ambas são viagens de ruptura, tanto nos tempos biográficos quanto nos deslocamentos espaciais, sejam eles imaginários ou, no sentido estrito do termo, geográficos.

Ademais, não são só viagens de ruptura, como também estas são viagens verdadeiramente disruptivas na trajetória do poeta. Pois, um tanto tragicamente, Artaud sai da França em busca da realidade perdida – com as suas forças criadoras originais –, mas acaba encontrando o real da loucura – nos signos que desde sempre lhe perseguiram. Este é o tempo então do cajado e da espada, das videntes, dos magos; da obsessão pela cruz e pelos demais símbolos de um cristianismo primitivo. É um tempo essencialmente místico. É o tempo de uma adicção profunda e de inúmeras dificuldades materiais. Mas é também, curiosamente, o tempo, o mesmo e outro tempo artaudiano de escavação das essências, de uma vida e de uma existência humanas totalmente reconstruídas. E é precisamente imbuído desse desejo ardente, como um antigo viajante, ou como um desbravador mítico, que Artaud pisa nas terras mexicanas. Sua experiência é a de um homem moderno confrontado pela hipótese de um povo primitivo, na esteira do reconhecimento da superioridade do rito e da magia sobre a arte e a ciência:

Em 6 de fevereiro de 1936, Antonin Artaud desembarca no porto de Veracruz. Tem 40 anos: depois de sua desastrosa experiência com o surrealismo e depois que André Breton o excomungou por traição; depois do fracasso de sua incursão pelo teatro e pelo cinema; depois de sua decepção sentimental com Genica Athanasiou, e oprimido pelos crescentes estragos que nele fazem as drogas, a Europa se converteu num inferno para Artaud: um inferno do qual foge, e escolhe o México para tentar realizar o sonho da sua vida, o sonho de uma existência nova em um país cujas forças ocultas seguem intactas, assim como o poder da imaginação (Le Clézio, 1992, p. 152)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Todas as citações de livros em língua estrangeira são traduções minhas.

Entre o México sonhado e o país verdadeiramente encontrado: um vasto abismo. Antes de conhecer a vida serrana dos Tarahumaras, Artaud arrasta-se pelas ruas mais recônditas da capital mexicana, com enormes dificuldades materiais, e é acompanhado por *dealers*, prostitutas e mendicantes. Mora num prostíbulo. Come mal. E passa o dia em cafés, escrevendo artigos para os jornais locais. Seus amigos, com a tradução do francês para o espanhol, ajudam-lhe nesta única atividade que lhe rende alguma remuneração. Na realidade, Artaud vive compulsivamente sob o vício da droga. E esse México idealizado ele só vai encontrar na obra de Ortiz Monasterio e na pintura de María Izquierdo. Não obstante todas essas intempéries, Artaud realiza algumas palestras na universidade sobre temas conhecidos e de seu interesse. Posteriormente, ele irá escrever a respeito da experiência passada com o povo nativo, descrevendo os seus ritos e as suas paisagens – que tanto lhe encantaram.

Mas, de todo esse período, de fato se destaca os textos reunidos em *Mensagens revolucionárias* (1936); uma vez que nesta coletânea de textos se revela todo o projeto político artaudiano de escrutínio dos problemas fundamentais. E já se pode antever, através da reelaboração conceitual da cultura, o sentido do seu pensamento político. Ele é sempre e a cada vez sustentado por um olhar agudo e penetrante que toma necessariamente o homem em sua raiz.

Artaud navega movido pelos afetos: é com ódio da civilização europeia que o poeta vai ao México; além disso, sua viagem pode ser medida pela esperança de encontrar, longe do odor de carniça que a Europa emite, nada menos do que *uma forma vital de cultura*. Porém, trata-se de uma esperança que em si já é contrariada e mal-sucedida – “Eu esperava encontrar aqui uma forma vital de cultura, mas só encontrei o cadáver da cultura européia” (Artaud, 2004, p. 733). Sua esperança, ademais, é determinada por um desenho, por um plano de viagem: “Vim ao México a fim de entrar em contato com a Terra Vermelha [...] é a alma original do México que sobretudo me interessa, mas antes mesmo de enfrentá-la [...] quero estudar em todos os seus aspectos a vida real do México” (Artaud, 2004, p. 720).

Porém, é preciso levantar suspeitas críticas quanto à capacidade de Artaud estudar a vida real dos mexicanos; ao menos não se deve entender isso

ingenuamente. Pois a viagem de Artaud ao México é essencialmente de caráter subjetiva e é, por conseguinte, carregada de aspectos míticos e imaginários. Isso não significa que Artaud não leu a realidade mexicana, mas significa tão somente que ele a leu sob as suas lentes. Então, o que não se pode perder de vista é a relação complexa entre a conjuntura do país e os próprios desejos e interesses de Artaud. Ele – como aliás não poderia deixar de ser – não é um observador puro, e a sua observação é devedora de uma intencionalidade profunda. Contudo, o que tem de especial nessa viagem é o fato de que ela é inseparável de uma outra viagem, propriamente delirante e que se dá mais no imaginário e no sonho do que no solo. Interessantemente, ele mesmo parece estar um pouco avisado a respeito disso: “Eu conheço quase tudo o que a História ensina acerca das diversas raças do México; e admito ter me permitido sonhar como poeta sobre o que ela não ensina”; ou ainda – “Entre os fatos históricos conhecidos e a vida real da alma mexicana existe um largo abismo onde a imaginação – e ousou inclusive dizer a intuição pessoal – pode se dar livre curso” (Artaud, 2004, p. 720). Este é o ponto a partir do qual ele se reconhece: “*de mon point de vue de poète*”.

#### *A cultura como uma força vital*

Sim, assume-se um ponto de vista poético; no entanto, esta perspectiva não é estritamente artística, no sentido vulgar e limitado do termo – é uma poética política. Aliás, algo é absolutamente fundamental em toda essa viagem mexicana: é que Artaud vai ao México embalado por uma missão que é antes de tudo política, e não simplesmente artística: “Eu vim ao México em busca de políticos, e não de artistas” (Artaud, 2004, p. 716). Ora, de acordo com ele mesmo, Artaud não vai ao México senão para assistir *in loco* à confrontação de um “problema grandioso” – e não somente assistir, mas também estudar esse problema e encontrar uma solução para ele. E do que trata, afinal, este “problema grandioso”? – “Com efeito, não é nada menos do que romper com o espírito de todo um mundo e substituir uma civilização por outra” (Artaud, 2004, p. 717). Tarefa monumental, transcendente e praticamente impossível. Porém, era assim que o nosso poeta enxergava o campo de forças na conjuntura mexicana dos anos 1930: duas correntes se debatiam; uma que tendia à

assimilação da herança nativa ao espírito europeu com as suas formas putrefatas, e uma outra que resistia a esse mesmo movimento, mantendo um foco de vida e de dinamismo criativo na cultura. Esse tal ponto de vista de poeta implica numa leitura muito peculiar da política, verdade seja dita. Pois a realidade material dos atores sociais em choque não exclui o sonho, a metafísica e os personagens míticos, em Artaud: as correntes culturais mexicanas digladiam-se também no céu, ou a luta social é simultaneamente uma batalha dos deuses; é uma luta, enfim, de signos e imagens, de maneiras de conceber a cultura, que não fica rente ao chão. É que em cada ponto de sua discursividade, Artaud religa as esferas separadas. *Romper com o espírito de todo um mundo*: no seu vocabulário político, significa unificar as partes de um espírito rompido. *Substituir uma civilização por outra*: é que a razão de Artaud ir ao México se ancora na possibilidade desta civilização encontrar uma forma original de cultura, no seio da qual o homem seja apresentado como o *catalisador do universo*. Como se pode ver, os dois objetivos do “problema grandioso” estão rigorosamente interligados.

Mas o mais importante nessa discussão é notar como Artaud, ao propor claramente um sentido político à sua viagem, refaz o conceito de homem e, conseqüentemente, o de cultura. Trata-se de um ângulo essencialmente monista, através do qual o homem aparece em conexão profunda com o universo, com o destino, e vice-versa – é a unidade da realidade *como um todo*, numa reciprocidade visceral:

Se se está disposto a aceitar a ideia de que o Homem é o catalisador do Universo, deve-se deduzir disso que as forças morais do Homem vibram em uníssono com as forças do Universo, aquelas forças que, segundo os ensinamentos da alta filosofia monista, não são nem físicas nem morais, mas assumem um aspecto moral ou físico de acordo com o sentido em que se deseja utilizar (Artaud, 2004, p. 719).

Pois bem, nesse sentido da busca de uma forma vital de cultura atrelada a um monismo fundamental, Artaud, evidentemente, precisa distinguir, ao nível do conceito, a cultura das demais palavras que usualmente empregamos em relação a esse fenômeno. Para o poeta de Marselha, um dos maiores sinais de um estado de decadência, pelo qual, aliás, passa o seu continente de origem, é a perda e a confusão do sentido das palavras: “Hoje em dia, na Europa, a cultura, assim como a instrução e a educação, é um luxo que se compra”

(Artaud, 2004, p. 705). Em Artaud, *cultura* e *instrução* são duas coisas completamente diferentes. Cultura é uma ação, uma transformação que toca a materialidade do homem e da terra; estando o homem e a terra em íntima relação, numa relação simultânea – *transformar o homem é transformar a terra*. Quer dizer, cultura, no seu sentido mais preciso e profundo, e funcionando *como um corte político*, não diz respeito a um verniz, a uma simples instrução de tais e tais conhecimentos, mas antes consiste – isto é que é importante reter – em uma modificação integral, verdadeiramente mágica do homem, ou melhor, do *ser* do homem, na medida em que o homem não trabalha através da cultura apenas o seu corpo, mas também todas as suas faculdades espirituais. Então, sob essa perspectiva, a cultura não está exatamente contida nos livros; ao falar em cultura, Artaud não mira uma cultura livresca, nem representa sistemas filosóficos elaborados.

Nessa inserção da cultura dentro de um plano de pensamento monista, vê-se ainda que segundo Artaud, no México antigo, não existia mais do que uma só cultura. Na verdade, a ideia é a de que ao se imaginar centenas de culturas distintas, confunde-se a cultura uniforme com a multiplicidade das formas de civilização. Uma só cultura: “isto é, uma ideia única do homem, da natureza, da morte, da vida” (Artaud, 2004, p. 705). Segundo a avaliação artaudiana, isso é exatamente o avesso do que acontece na Europa moderna: sob o império da fragmentação da vida, no velho continente, a cultura mesma encontra-se em plena anarquia. *Assim, a cultura, em Artaud, não é apenas uma transformação profunda do homem e da terra, do ser do homem, mas é também uma ideia única, ou uma só e mesma concepção do homem, da natureza, da morte e da vida*. Dois movimentos entrelaçados contra a consciência separada do corpo, e contra o corpo separado do mundo: transformar o homem é imediatamente refazê-lo integral, completo, omnilateral.

#### *De um humanismo revolucionário*

E é por essas e outras que Artaud é um revolucionário. Aliás, é importante observar que Artaud, ele mesmo, coloca-se como um revolucionário, um revolucionário francês, naturalmente, mas de um tipo especialmente singular, avesso às formas mortas do marxismo, em particular, e da cultura europeia, em

geral. Revolucionário singular, pois o que o poeta francês está a fim de construir é uma ideia de *revolução total*, em estreita conexão com a sua ideia de cultura. Ora, se a cultura é mesmo uma e articula todas as dimensões do ser do homem com o mundo, a revolução só pode ser total, e não separada, fragmentada em aspectos exclusivamente sociotécnicos ou estatais. Para Artaud, o equívoco principal da revolução sonhada pelos marxistas, por exemplo, foi ter colocado o problema da transformação humana sob o escopo da técnica social: “Nós pensamos, ao contrário, que a revolução social é tão somente um aspecto separado da revolução total, e que considerar a revolução unicamente sob o aspecto social é impedir de levá-la a bom termo” (Artaud, 2004, p. 733). Ademais, esta ideia de uma *revolução total* coaduna-se com a compreensão de que não existe revolução, verdadeiramente, sem uma transformação da cultura, isto é, *uma modificação de nossos modos de ler a vida e de colocar o seu problema; ou ainda, a revolução corresponde a um reencontro da vida no seio da cultura unificada*. Assim sendo, substituir uma classe por outra, ao mesmo passo em que se refaz o poder do Estado, não é a questão principal, sobretudo se esse intento transformador vem acompanhado pelo desprezo do desenvolvimento das artes, das ciências e do pensamento profundo. Em outras palavras, a revolução que Artaud deseja perpetrar lida essencialmente com a resolução de *problemas fundamentais*: retirando o pó que cobre a visão de mundo esfarelada do Ocidente, busca a verdade em um novo sentido de unidade da cultura.

Da mesma forma, um novo conceito de revolução casa com um novo conceito de homem. É, com efeito, uma necessidade, na medida em que esses dois conceitos saltam, forçosamente, de uma base cultural radicalmente reformada. Ora, esta é toda a senda pela qual passa a aventura mexicana de Artaud; fundamentalmente, ela é a busca de um eco, e da fonte da verdadeira força revolucionária encapsulada numa ideia de cultura. “Esperamos do México, em síntese, um novo conceito de Revolução, e também um novo conceito de homem, para alimentar com a sua vida mágica esta última forma do Humanismo” (Artaud, 2004, p. 709). Isso posto, Artaud conforma-se como o bastião de um humanismo avançado, elevado; não exatamente igual àquele que leva ou levava o mesmo nome. Então, o que me parece válido e extremamente pertinente no pensamento político de Artaud, onde mora todo o

seu potencial revolucionário, é a sua obstinada preocupação com uma *verdade fundamental*, que se exprime maravilhosamente nesta articulação de um humanismo renovado: “Toda transformação cultural importante tem como ponto de partida uma ideia reformada do homem [...] De repente, começa-se a cultivar o homem assim como se cultivaria um jardim fértil” (Artaud, 2004: 718). Depois, ele arremata, sintetizando, em uma única linha, a essência do seu programa político revolucionário: “Eu vim ao México em busca de uma nova ideia de homem” (Artaud, 2004, p. 718). Com efeito, trata-se, em Artaud, de um “humanismo revolucionário” (França, 2018, p. 51), calcado numa espécie de trabalho arqueológico sobre a cultura, no qual torna-se possível repensar a civilização ocidental para além da ideia do moderno individualismo e da fragmentação – reificada – da vida.

Mas Artaud vai mais longe ainda. Pois na sua sua luta contra a separação, já não faz mais sentido algum dividir em etapas o cumprimento das necessidades do corpo e a preocupação com as liberdades do espírito. Como pode-se imaginar, esta não é mais do que uma forma separada de pensar a realidade humana, engavetando-a em processos distintos. Em Artaud, pelo contrário, a *cultura é imediatamente devoração*. Então, no fundo, trata-se de um mesmo ato vital: liberdade e necessidade, pensar e comer se identificam. Deve-se notar também, que aqui, extraordinariamente, para além do questionamento da divisão entre a mente e o corpo, produz-se algo como uma subversão do *cogito* cartesiano e, portanto, abre-se uma nova forma de ler o homem, a sua consciência e o mundo: ainda que sob a forma de uma operação conceitual, consiste em um movimento político por excelência, largamente disruptivo. Ao torcer a palavra cultura do seu sentido europeu, Artaud funda uma outra ordem do possível: “A cultura é comer, e é também saber como se come; e para mim, quando eu penso, como, devoro e assimilo pensamento” (Artaud, 2004, p. 734).

Ainda sobre o problema da consciência humana, Artaud declara uma guerra à concepção de mundo marxista. Mesmo que mencione a consciência das massas, segundo a visão artaudiana, o marxismo não foi capaz de destruir a consciência individual. Justamente, o levante da cultura mira a superação dessa forma de consciência: “A destruição da consciência individual representa, portanto, uma alta ideia de cultura, é uma ideia profunda da cultura



de onde deriva uma forma completamente nova de civilização” (Artaud, 2004, pp. 709-710). A sequência, então, é bastante crítica: “Não se sentir vivo enquanto um indivíduo equivale a escapar a esta assustadora forma de capitalismo que eu chamo de capitalismo da consciência, porque a alma é o bem de todos” (Artaud, 2004, p. 710).

É neste mundo que corajosamente Artaud nos convoca a penetrar. Sua revolução, em primeiro lugar, dá-se na consciência adoentada do homem: “O marxismo colocou mal o problema da biologia humana. Ele ignora o mundo da consciência, e eu quero que entremos, com ferro nas mãos, no mundo da consciência [...]” (Artaud, 2004, p. 735). Esse materialismo que separa, mesmo sendo pretensamente revolucionário, não é senão, em conformidade com o pensamento de Artaud, uma chaga europeia: e é nesse sentido que, ao voltar-se contra o marxismo, Artaud luta frontalmente contra todos os costumes do velho continente e o que ele chama de *espírito branco*. Ora, segundo o seu ponto de vista, a especialização é um sinal evidente da decadência europeia: “Então veio o tempo da especialização, e também o da decadência.” (Artaud, 2004, p. 716). Em Artaud, todo o continente se encontra em vias de aguda degradação, pois que na ausência de *um princípio vital essencial*, sofre de uma forma coletiva de escorbuto, ancorada na ideia degenerativa de progresso. Artaud, como Nietzsche, é uma espécie de médico que combate as taras de um organismo corroído – e a compreensão audaz da consciência corresponde ao “caminho para os problemas fundamentais” (Nietzsche, 2005, p. 28).

Sendo assim, Artaud declara-se inimigo de uma *concepção analítica do mundo*. Para ele, o mundo quebrado, cindido, não passa de uma ilusão. Cada esfera dividida, cada compartimento da vida é uma gaveta, um sepulcro disposto em paredes no grande cemitério ocidental: “É para mim uma ideia burguesa esta que separa o problema da vida do problema da cultura, o problema da vida no homem do problema da vida na natureza, o problema do corpo do problema do espírito [...]” (Artaud, 2004, p. 736). Portanto, acrescenta-se: “(...) não há revolução sem uma revolução contra a cultura da Europa, contra todas as formas do espírito branco (...)” (Artaud, 2004, p. 736). *A revolução de Artaud, porque supera o espírito separado, só pode ser integral*: ela é a revolução por uma cultura, vital e religada, mas também contra uma cultura, morta e fragmentada. É de fundamental importância, então, observar os dois momentos

essenciais do conceito artaudiano de revolução; distingui-los, evidentemente, bem como compreendê-los em conjunto, numa articulação orgânica. Hegelianamente, poderia-se dizer: *a cultura sonhada por Artaud afirma a vida à medida em que nega uma cultura que nega a vida* – é uma negação da negação.

### *Impasses e perspectivas*

O México, na visão – distorcida – de Artaud, é detentor de uma cultura eterna e, enquanto tal, de um segredo legado por toda uma ancestralidade (mítica, imaginária, e, sob muitos aspectos, livresca). Aqui, faz-se necessário uma crítica às concepções do poeta de Marselha. Sabidamente, não existe uma cultura eterna, e muito menos uma cultura verdadeira: desde o consenso estabelecido pelo moderno conhecimento antropológico, ou mesmo se se assume um determinado perspectivismo, fazer a cultura ser acompanhada dessas palavras é negar imediatamente o próprio conceito de cultura: não é apenas efetivar uma contradição em termos, mas é matar o conceito. Artaud, portanto, ao que me parece, não “elogia” o México tão bem quanto ele critica a Europa. Seu diagnóstico é penetrante, porém resiste nele, simultaneamente a uma concepção revolucionária, uma noção vaga e pueril da cultura, que corresponde a uma fonte *primeva, eterna e verdadeira*.

Agora, apesar de seus deslizes tendencialmente essencialistas, o que Artaud propõe concretamente não deixa de ser interessante, ao analisar as forças da vida cultural mexicana: ele identifica e torce por uma combinação inteligente, viva das culturas moderna e antiga, ou uma relação de *descontinuidade dinâmica* entre os saberes: “O México não pode, sob pena de morte, renunciar às atuais conquistas da ciência, mas ele mantém em reserva uma antiga ciência infinitamente superior àquela dos laboratórios e dos eruditos” (Artaud, 2004, p. 718). Na verdade, não se trata de uma negação simples e reducionista das formas culturais ocidentais; antes convém capturá-las criativamente, quase de um modo antropofágico: “Contra a argúcia naturalista, a síntese. Contra a cópia, a invenção e a surpresa” (Andrade, 2017, p. 33). Nesse sentido, seguindo o espírito de Artaud, a maquinaria técnico-científica moderna – quem sabe – poderia ser revitalizada pelo seu avesso, uma vez desabrochada as

suas potencialidades, sob a égide de um novo paradigma revolucionário, tributário, por sua vez, de um novo conceito de homem.

## Referências

Andrade, Oswald de (2017). *Manifesto Antropófago e outros textos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.

Artaud, Antonin (2004). *Œuvres*. Paris: Éditions Gallimard.

França, Fagner (2018). *Artaud e o cinema da crueldade*. Curitiba: CRV.

Le Clézio, J. M. G (1992). *El sueño mexicano: o el pensamiento interrumpido*. Cidade do México: FCE.

Nietzsche, Friedrich (2005). *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras.